

Sobre o Amor ao Próximo: Kierkegaard e Adorno

João Hobuss¹

RESUMO: O presente artigo tem um objetivo modesto, qual seja, explicitar a compreensão de Kierkegaard no que diz respeito à sua concepção de amor ao próximo, bem como as considerações que Adorno faz desta concepção.

Desta forma, será necessário ater-se às *Obras do Amor* (1847) kierkegaardianas, não na sua totalidade, pois requereria uma perspectiva mais ampla, o que não é próprio de um artigo específico como este, bem como de uma leitura exaustiva de outras obras de Kierkegaard.

Tendo em vista o que foi dito, outros tópicos da visão de Kierkegaard nas suas *Obras do Amor* não serão objetos de análise: apenas a questão do amor ao próximo e os conceitos imediatamente correlatos serão explanadas. O mesmo ocorre com o texto adorniano, pois será analisado o que se refere a esta questão dentro da 'Doutrina Kierkegaardiana do Amor'.

Não será o caso também de indagar se este texto de Kierkegaard dirige-se direta ou indiretamente a Regina Olsen, embora, como menciona Jean Brun na introdução às *Obras do Amor*, as referências a ela quase sempre estão presentes de maneira subjacente ou não.

PALAVRAS-CHAVE: amor; próximo; dever; cristianismo.

I. Kierkegaard e o amor² ao próximo

1. O amor imperativo

Nas *Obras do Amor*³, 1ª série II, Kierkegaard apresenta aquilo que seria a premissa inicial de seu discurso, qual seja, 'tu deves amar teu próximo como a ti mesmo'⁴, sendo este o postulado próprio do cristianismo⁵. Deve-se amar ao próximo como a si mesmo, isto com o auxílio seguro da eternidade:

'o cristianismo supõe que o homem ame a si mesmo, e acrescenta simplesmente à propósito do próximo: 'Como a ti mesmo'. E,

¹ Mestre em Filosofia pela UFRGS. Doutorando pela mesma instituição. Professor de História da Filosofia. Membro do Centre d'Études sur la pensée Antique de l'Université de Provence, Aix-en-Marseille I. Professor de Metafísica do ISF/Convênio UFPEL-UCPEL.

² Para uma breve introdução às *Obras do Amor*, bem como a distinção entre amor cristão e amor entre os gregos, com alusões a Platão, Aristóteles e Plotino, bem como o amor entendido como exaltação subjetiva, ver J. Brun na edição francesa utilizada para a consecução deste artigo.

³ Daqui para frente, as *Obras do Amor* serão apresentados por *OA*.

⁴ *OA*, p. 16.

⁵ Que teria uma missão bem clara: transformar o mundo naquilo que ele não é.

portanto, entre o começo e o fim, intervém a mudança de uma eternidade’.

Esta faceta do cristianismo⁶ não pode deixar de causar uma certa estupefação de parte daqueles que se permitem achar que se deve amar a qualquer um que seja para além do amor de si mesmo, não restringindo de forma tão precária a exigência do amor àquela peculiar ao próximo. É o caso dos poetas que fazem a apologia do amigo, ou do amado, como aqueles que são os objetos típicos do amor mais alto. Quem deve ser louvado é o amigo ou o amado, e não o próximo, o amor do próximo careceria do caráter de exaltação, adoração, e mesmo de admiração próprios ao amor dos poetas⁷. É o amor da predileção, ‘ama-se o amado, o amigo’⁸, e este amor do amado, do amigo, exclui o resto do mundo, o resto dos homens.

Nada em maior desacordo com o cristianismo, pois não há nada, na sua própria essência, que possibilite a exclusão, não há a possibilidade de que se ame determinado homem, em detrimento de todos os outros homens, pois amor ao próximo não significa amar aquele que lhe é próximo, antes, na realidade, amor ao próximo é amar indistintamente todos os homens, inclusive o inimigo⁹. Amar para além de si mesmo não é tarefa do homem, ao contrário do que dizem os poetas, somente Deus é capaz de fazê-lo, este sim objeto de completa obediência e pura adoração, pois ‘um homem seria ímpio ao ousar amar desta forma ele mesmo ou seu semelhante, ou de permitir a seu semelhante de amá-lo assim’¹⁰. O homem, e não Deus, possui um modo próprio de amar, amar desinteressadamente, amar ao outro como ama a si mesmo, nada além disto.

Mas quem é o outro, quer dizer, quem é o próximo?¹¹

‘É aquele que é mais próximo de ti que todos os outros’, mas não no sentido do amigo, ou do amado, não no sentido de um amor em si mesmo egoísta, mas no sentido em relação ao qual o próximo representa não o que está próximo, mas simplesmente, ‘todos os homens’¹². Todos os homens quer dizer qualquer homem, ou ainda, cada um dos homens que existem. E cada um destes homens é, como próximo, mais íntimo que o amado, ou o amigo, já que não é objeto da predileção, mas do

⁶ ‘O amor cristão, vem de Deus, é um amor sem motivo explícito (...) é um amor gratuito, ele toma por objeto o que não tem nenhum valor, e lhe dá um’ (BRUN, J. Introduction à *Les Oeuvres de l’Amour*, p. XIV). O amor pagão, nasce em nós e de nós, desenvolve-se como um desejo de conquista e de posse, é o amor que ama a si mesmo (*idem*).

⁷ O poeta basicamente exalta a inclinação, ao contrário do cristão escolhe o amor do tu ‘deves’ amar.

⁸ *Idem*, p. 18.

⁹ *Idem*.

¹⁰ *Id. Ibidem*.

¹¹ *OA*, p. 19.

¹² *Idem*.

verdadeiro amor, do amor cristão¹³. É a ele que se deve amar, amar como se ama a si mesmo, partindo do pressuposto que ‘tu deves amar a ti mesmo de maneira verdadeira’¹⁴, e amar verdadeiramente, afirma Kierkegaard, é amar ao próximo, este é fundamento do cristianismo, pressupondo que o que ama, ama a si e ao próximo de forma verdadeira, pois não podem ocorrer separadamente e são, na realidade, idênticos, o amor a si mesmo e ao próximo: um implica o outro. Deve-se amar o próximo como se ama a si mesmo, na medida em que ‘o mandamento do amor do próximo fala do amor do próximo e do amor de si mesmo’¹⁵. A identidade ocorre não apenas no já mencionado, mas especialmente na expressão, e mais especialmente no verbo que especifica a expressão, ‘tu *deves*¹⁶ amar’, o que acaba por determinar o sentido fundamental do amor cristão, embora a possível contradição que um imperativo como este possa deixar transparecer¹⁷.

A expressão espanta, mas revolta e escandaliza¹⁸, por ser a nova mensagem, por ser o significado interior do cristianismo. O amor pagão, o amor imediato, não é algo de estranho, ele existe, mas não existe com a força e o caráter pleno daquele amor não submetido à predileção, daquele amor que não nada é mais do que um dever¹⁹. Esta ‘é a mudança que anuncia a eternidade²⁰ – e tudo se torna novo’²¹. O amor imediato perde sentido enquanto anúncio do amor que vai além do amor ao próximo, pois este amor ao próximo não pode, não deve, estar sujeito às inclinações sensuais, tudo o que é caro aos poetas, mas sim está livre da perspectiva mundana, bem diferente da ‘gravidade do mandamento [tu *deves* amar] surgindo da eternidade em espírito e em verdade, se executando na sinceridade e na renúncia’²².

O *deves* explicita algo sobremaneira evidente para Kierkegaard, isto é, que o amor imediato, o amor dos poetas, pode até conceber o eterno, pois aqueles que se amam desta forma juram amar-se pela eternidade, mas em realidade a eternidade está para além do amor, ‘se se deve jurar, deve ser para o que é superior; mas se deve-se jurar pela

¹³ O amor que realmente edifica.

¹⁴ *Idem*, p. 21.

¹⁵ *Idem*, p. 22.

¹⁶ O amor é um dever, mas não um dever em sentido kantiano, pois não é um imperativo originado da universalização da lei (Cf. BRUN, J., p. XV).

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ *Idem*, p. 23.

¹⁹ É um amor, o do cristão, que não privilegia tão somente àquele que é admirado: ele é sempre amor ao próximo, e o próximo não precisa ter algo de excepcional para ser objeto deste amor (BRUN, J., pp. XV-XVI).

²⁰ O amor cristão é um amor que tem suas raízes na eternidade, adquirindo um caráter indestrutível; a eterna felicidade (...) lhe coloca ao abrigo do desespero (BRUN, J., p. XV).

²¹ *Idem*, p. 24.

²² *Idem*.

eternidade, deve-se fazê-lo enquanto por obrigação de ‘dever amar’²³. O eterno do amor dos poetas não passa de uma ‘magnífica ilusão’²⁴, pois sujeito que está à mudança, não é o amor fundado no dever, amor este que encerra a verdadeira eternidade, portanto não estando sujeito à mudança característica do amor natural: a mudança a partir desta perspectiva exemplifica a temporalidade, por si mesma finita, a mudança propriamente interior, onde presente, passado e futuro nunca são contemporâneos um dos outros, ao contrário do eterno que é perene, quer dizer, imutável²⁵. Só o amor constituído enquanto dever, a partir do momento em que sofre a mudança operada pela eternidade, torna-se permanentemente subsistente. Um, o amor temporal, está sempre sendo submetido à prova dos anos, enquanto o amor eterno é permanente, não estando sujeito a estas mesmas provas: o amor só é eterno na medida em que é dever, e esta eternidade ‘baniu toda a angústia e o torna perfeito (...)’²⁶. O amor eterno, o amor do ‘tu deves’, está completamente a salvo de toda contingência, ao contrário do amor imediato, do amor dos poetas, que pode transformar-se inclusive no seu oposto, do amor à raiva, da alegria ao tormento, etc., apenas aquele amor perpassado pela eternidade supõe a necessidade e a permanência.

Kierkegaard não se fatiga de afirmar: ‘Somente quando o amor é dever, é que ele é eternamente libertado numa independência plena de felicidade’²⁷. O amor que sofreu a ação da eternidade, e tornou-se dever, é o amor que adquiriu plena independência, independência sempre do ponto de vista da eternidade, da ‘lei da eternidade’: esta independência posta pela eternidade não é dividida com ninguém, é própria do amor que funciona como um imperativo, e inalcançável pelo amor imediato:

‘Mas o amor que sofreu a mudança da eternidade tornando-se dever, experimenta uma necessidade de ser amado, e esta necessidade está eternamente em uníssono do que ‘tu deves’; mas se isto deve ser, este amor pode se passar para um outro amor, continuando a amar: isto não é a independência? Ela só depende do amor ele mesmo pelo ‘tu deves’ da eternidade, e de nenhuma outra coisa (...)’²⁸.

Este amor coloca aquele que ama afastado do desespero, enquanto o amor imediato está sempre sujeito à infelicidade, ao desespero. Enquanto amor imediato nenhuma solução é suficiente para livrá-lo desta condição, pois isto pertence tão somente àquele amor submetido à mudança operada pela eternidade a partir do ‘tu deves’,

²³ *Idem*, p. 29.

²⁴ *Idem*.

²⁵ Um excelente esclarecimento terminológico do tradutor pode ser encontrado na p. 30, n. 44, onde está explicitada de maneira clara a distinção temporalidade x eternidade.

²⁶ *OA*, p. 31.

²⁷ *Idem*, p. 36.

²⁸ *Idem*, p. 37.

somente desta maneira não há possibilidade de perder-se no desespero, pois nada que suponha a temporalidade, e a mudança que lhe é peculiar, tem algo a prescrever neste sentido. Só o amor do ‘tu deves amar’ adquire a validade necessária, quer dizer, do ponto de vista da eternidade, para evitar que os homens sucumbam ao desespero: este é o consolo dos homens tendo como fundamento a misericórdia divina. O ‘tu deves’ da eternidade é salutar, purificador, e enobrecedor²⁹.

2. Amor cristão: amor do próximo

Este é o aspecto fundamental do amor cristão, amor que reconhece o próximo, ou melhor, que todos e cada um são o próximo, renegando em qualquer sentido o egoísmo próprio do amor imediato, do amor fundamentado na predileção: tanto o amor humano e a amizade são predileção e paixão da predileção³⁰.

O que está em jogo é a afirmação do amor cristão no que tange ao amor humano, do amor caracterizado pelo instinto, ou pela inclinação, radicalmente diferente do amor que se baseia no espírito, no próximo, na seriedade e na verdade³¹. O amor humano não representa o amor verdadeiro, pois o amor verdadeiro é o amor de Deus e do próximo, o amor que ama todos os homens sem excluir jamais algum dentre eles, enquanto que o amor humano se vê reduzido ao amado.

O amor do próximo tem outras implicações, especialmente ele denota uma função moral que não pertence absolutamente ao amor humano. Neste sentido Kierkegaard afirma ser o cristianismo ‘a esfera moral verdadeira’, explicitando o caminho que leva a Deus, considerado enquanto o Bem Supremo: ‘feche tua porta e enderece tua prece a Deus’³², que é o verdadeiro bem ao qual todo cristão aspira. Após ter orado a Deus se faz necessário abri-la e, ao fazê-lo, o primeiro que for encontrado será o próximo, e será este próximo aquele em relação ao qual se deve dirigir o amor, é aquele que ‘*tu deves amar*’. Nenhum tipo de desconforto ou confusão advirá disto, pois não importa quem apareça diante da tua porta, pois pode ser todos, ou qualquer um dos homens, o que importa é que este será o próximo, pois todos os homens são iguais e dignos deste amor dirigido ao próximo fruto do imperativo que norteia o amor cristão.

O amor cristão do próximo é o amor, segundo Kierkegaard, enquanto o amor da predileção, o amor no que ele tem de marcadamente humano, é egoísmo, ou uma espécie de, visando tão somente o amigo, ou o amado, o próximo nesta circunstância sendo o que está próximo, sem a força do amor cristão que tem, no próximo, todos e qualquer um, um

²⁹ *Idem*, p. 40.

³⁰ *Idem*, p. 49.

³¹ *Idem*, p. 42.

³² *Idem*, p. 48.

amor que deve amar sem distinção ou diferença. No amor dos poetas, a admiração adquire importância, o amante deve admirar o amado; no amor cristão o próximo não pode ser entendido como objeto de admiração, pois o que está em jogo não admirar este ou aquele, mas sim *amar*³³. Não há espaço para a predileção, para o amor meramente egoísta de si mesmo, simplesmente existe de maneira a reprovar todo o amor egoísta, pois reside numa tranqüila expressão: tu deves amar o próximo na medida em que *tu* e *ele* terminam por se relacionar, através do amor espiritual, e ‘dois espíritos não podem jamais formar um eu no sentido egoísta’³⁴, pois aqueles que formam um eu no plano do egoísmo, não sabem amar no que diz respeito ao cristianismo.

Como foi mencionado acima, para Kierkegaard o amor do próximo reside na igualdade humana, e se faz necessário acrescentar eterna, contrária à predileção, residindo apenas no fato de não estabelecer distinção alguma. A não distinção entre os homens - todos e cada um sendo o próximo -, característica própria desta igualdade eterna, assume sua superioridade sobre a simples predileção que exclui, que faz diferença, que alça o amado e o amigo a um patamar distinto dos outros homens: a amor cristão torna os homens iguais como próximos; a predileção torna-os diferentes enquanto objetos de amor. É nesta exata medida que o cristianismo se mostra na sua plenitude, na sua superioridade, superioridade que afirma ser os homens iguais, cada um deles sendo o próximo, o qual ‘tu deves amar’. Daí as expressões recorrentes nas *Obras do Amor*:

O próximo é teu igual;
Amar o próximo é praticar a igualdade;
Ele é teu próximo por sua igualdade contigo diante de Deus.

Fica evidente que o amor ao próximo possui as perfeições que são pertinentes à eternidade: o amor ao próximo é o amor, não um dentre outros. Na verdade, somente o amor ao próximo define-se pelo amor³⁵, não sendo outra coisa que a perfeição suprema. Perfeição que supõe a igualdade que permite amar até mesmo o inimigo, o inimigo visto como o próximo, pois é necessário fechar os olhos e lembrar-se do mandamento ‘tu deves amar’, assim não se vê um inimigo, mas o próximo...³⁶ Deve-se amar a todos e qualquer um, não importando quem é objeto deste amor ao próximo.

Não há a mínima condição do homem realizar aquilo que lhe é imperativo, ou seja, o seu dever, sem amar ao próximo, já que deste modo ele pode realizar aquilo que é sua função mais nobre, qual seja, ser um instrumento nas mãos de Deus³⁷.

³³ Cf. pp. 51-52.

³⁴ *OA*, p. 53.

³⁵ *Idem*, pp. 62-63.

³⁶ *Idem*, p. 64

³⁷ *Idem*, p. 79

O amor cristão encontra sua realização no amor ao próximo, na efetivação de seu imperativo, no ‘tu deves amar’, pois amar ao próximo é amar a Deus, realizar a mudança pela operação da eternidade – afinal o próximo é o signo pelo qual a eternidade marca todo o homem³⁸ -, reconhecendo que todos os homens são iguais, todos devendo ser amados na medida em que cada um é um próximo:

‘Tu deves, *tu* deves amar o próximo. Oh! meu caro ouvinte, não é a *ti* que eu falo, mas a mim, a quem a eternidade declara: *tu* deves’³⁹.

II. Adorno e o amor ao próximo em Kierkegaard⁴⁰

Segundo Adorno, os discursos religiosos de Kierkegaard, sobretudo *As Obras do Amor* vem, a partir da necessidade de explicitar uma nova relação entre as perspectivas teológica e filosófica, mudando o prisma da última que ‘tenta expor este processo da apropriação existencial em seus diferentes estádios e levar o leitor à verdade teológica através da dialética’⁴¹. Neste sentido se fazia necessário introduzir um ‘corretivo, o positivamente ‘crístico’⁴², - *das positiv Christliche*⁴³-, o crístico tomado de forma independente e separado da filosofia. Isto seria a função dos discursos religiosos, e não do filosófico, pois este último não possuía a transcendência que se fazia necessária, transcendência este que ‘exclui qualquer procedimento de passagem gradual da filosofia ao cristianismo e que carece do ‘salto qualitativo’⁴⁴.

Este é o objetivo precípua desta obra kierkegaardiana, a partir do momento em que busca uma exaustiva análise do amor cristão, amor que pressupõe o amor ao próximo⁴⁵ por amor a Deus, instituindo por assim dizer uma teologia positiva, onde tem papel fundamental o amor e a simplicidade⁴⁶. O amor cristão sempre tendo como referência seu contraponto, qual seja, o amor imediato, ou natural (ou pagão), amor

³⁸ *Idem*, p. 82.

³⁹ *Idem*, p. 83.

⁴⁰ Será utilizada a tradução feita por Álvaro L.M. Valls de ‘A Doutrina Kierkegaardiana do Amor’, 1992 [mimeo] (ver bibliografia).

⁴¹ ADORNO, T.W. *A Doutrina Kierkegaardiana do Amor*, p. 1.

⁴² ‘O crístico corresponde a uma essência intemporal, quase diríamos ‘lógica’ do cristianismo, que deve decidir, criticamente, se este cristianismo aqui e agora é falso ou verdadeiro, se este cristão é um verdadeiro ou falso cristão, se este homem que entra e sai desta igreja é de fato um cristão ou talvez não passe de um socrático, ou que sabe não seja nem mesmo isso’ (VALLS, A.L.M. O Amor ao Próximo, Especificamente Cristão. Sua Exposição nas ‘Obras do Amor’ e sua Crítica por Adorno, p. 597).

⁴³ *Idem*.

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ O amor ao próximo entendido não como platônico, nem freudiano, nem idealizado, nem ‘natural’, mas paradoxal pelo fato de ter se originado de um mandamento (VALLS, *op. cit.*, p. 598).

⁴⁶ *Idem*, p. 2.

radicalmente do cristão, pois este lança mão da própria idéia de interioridade, o amor como uma forma de ‘pura interioridade’, onde aparece com realce a fórmula reiteradamente repetida nas *OA*, ‘tu debes amar’, fórmula que, segundo Adorno, coloca ‘toda a ênfase na sua universalidade abstrata’⁴⁷, universalidade abstrata própria peculiar ao amor.

O ‘tu debes amar’ acaba por desconsiderar as diversas diferenças e distinções⁴⁸ entre a multiplicidade de homens, em favorecimento daquilo que é meramente o humano, para o homem tomado em sua generalidade, qualquer homem:

‘o outro homem torna-se, para o amor, aquilo que na filosofia de Kierkegaard constitui todo o mundo exterior, um mero ‘impulso inicial’ para a interioridade subjetiva. Esta, a rigor, não conhece nenhum objeto: a substancialidade do amor carece de objeto’⁴⁹.

Desta forma, o que ama, ama cada homem sem distinção, sob o signo do dever, alheio a todo tipo de desvios relativos ao instinto e à inclinação, pois o que importa é o viés espiritual que esta relação possibilita a partir de uma relação próxima com Deus, com isto ocorrendo o que Adorno denomina de ‘refração da natureza’, para além das benesses sensuais próprias do mundo sensível, mas a refração peculiar ao amor cristão aparece sob outras formas⁵⁰: a refração dos impulsos próprios imediatos; a refração da natureza enquanto qualquer interesse por si mesmo; refração da natureza na medida em que exige daquele que ama conservar seu amor pela amada mesmo após a perda de todo o fundamento objetivo.

⁴⁷ *Idem*.

⁴⁸ O amor generalizado ao próximo é algo de equivocado, pois o amor deve selecionar, pois certamente existem homens que não merecem ser amados (Adorno citando Freud, *O Mal-estar na Cultura*, p. 5). Conforme VALLS, *op. cit.*, p. 598, Kierkegaard ‘afirma contudo que o amor cristão precisa tratar a absolutamente todos os homens como filhos de Deus, salvos pelo mesmo Jesus Cristo, e que portanto neste sentido todos os homens devem ser amados e todos são ‘amáveis’ ou ‘dignos de amor’.

⁴⁹ *Idem*, p. 3.

⁵⁰ Isto se dá, e Adorno parece não compreender, pelo simples fato de que o amor cristão possui procedimentos distintos do amor natural, sua lógica opera de maneira própria. O amor cristão também é distinto do amor platônico que vê na beleza *de* um jovem a idéia de beleza, amo sua perfeição (VALLS, *op. cit.*, p. 599). Valls dá um outro exemplo aparentemente no mesmo sentido ao citar Aristóteles quando este afirma na *Ethica Nicomachea* que é mais amigo da verdade do que de Platão [que também é seu amigo], agindo da mesma maneira que Platão no que se refere à beleza. O exemplo platônico é bem elucidativo, mas o não o de Aristóteles, que em absoluto está sendo platônico, pois só faz esta afirmação para mostrar que, embora amigo de Platão, ele será obrigado a discordar da teoria platônica das formas (para a distinção amor socrático/amor cristão, ver VALLS, A.L.M. O Amor Socrático. A Análise Kierkegaardiana de sua Teoria e de sua Prática).

Tudo vem da transformação do amor numa interioridade *simpliciter*. Deste modo, o amor ao próximo não possui nada de predileção ou seletividade, pois se deve amar o feio, o inimigo, inclusive àquele pelo qual não se tem simpatia. O amor em Kierkegaard não pressuporia o diálogo, pois não passaria de um monólogo, monólogo que preserva o amor⁵¹ de qualquer decepção, a salvo que está pelo mandamento divino do amor⁵², do ‘tu deves amar’, que em termos adornianos acaba por desvalorizar o amado como sujeito e como objeto, ao incluí-lo numa ‘humanidade genérica’, que ultrapassa, na verdade, ‘o limiar do desprezo da humanidade’⁵³, pois o amado não se conhece enquanto amado, pois na medida em que não se conhece enquanto amado, deixa de ter qualquer influência sobre este amor que ele próprio recebe. Este tipo de construção dialética do amor em Kierkegaard, no entendimento de Adorno, levaria ao desamor: ‘Ela exige do amor que se comporte frente a todos os homens como se estivessem mortos’⁵⁴.

Parece um exagero de Adorno, mas se há, ele continua ao analisar um possível caráter demoníaco deste amor, por sua radical transcendência ele pode transmutar-se em algo sombrio, a humilhação do espírito diante de Deus⁵⁵, pois toda a referência ao próximo, ao amor ao próximo, nada mais é do que um mero impulso inicial para provar a suprema onipotência divina, ‘como onipotência do amor.

Dentro da leitura adorniana, o próximo, a referência real do amor cristão, é o mais afastado, ‘como aquele que *eventualmente* cruza o nosso caminho’, ele é algo de abstrato, devido a sua igualdade diante de Deus, igualdade radical. Ele é o próximo abstrato contraditado com a própria idéia de predileção pelo amado, ou amigo⁵⁶. E este viés abstrato seria corroborado pelo próprio Kierkegaard, já que para o pensamento abstrato o próximo nem precisaria existir, pois o próximo é cada um e qualquer homem tomados na sua generalidade, generalidade que supõe uma igualdade absoluta.

O que fica evidente em Kierkegaard, para Adorno, é ‘a insuficiência de seu conceito de próximo. Não há mais o próximo’. A própria doutrina kierkegaardiana da misericórdia impotente confirmaria isto, o agir impotente como o agir do verdadeiro amor, na medida em que é pura interioridade. Isto se dá pela própria coisificação, coisificação que

⁵¹ Nesta perspectiva o amor em Kierkegaard seria um amor voluntarioso, é o amor do amante, não do amado, pois a consequência do amor aparece naquele que ama, no agente de tal amor, amor ao próximo, que recusa qualquer apelo ao natural, ao sensual.

⁵² *Idem*, p. 4.

⁵³ *Idem*.

⁵⁴ *Idem*. No fim do parágrafo Adorno faz a ressalva de que, no que tange aos mortos, ‘não esquece no que há de pior da filosofia de Kierkegaard o que há de melhor’, numa possível referência a sua tia Agathe (ver o artigo de Álvaro L.M. Valls sobre o amor ao próximo – na bibliografia).

⁵⁵ *Idem*.

⁵⁶ Seria um tabu que funcionaria no sentido de confrontar a predileção e o amor natural (p. 5).

Kierkegaard procura negar que exista, da sociedade moderna, onde os próximos somente podem estabelecer relações precárias⁵⁷:

O amor é impossível quando, em virtude dos pressupostos sociais de suas relações, eles mesmos se tornam objetos, como hoje. Kierkegaard, porém, não protesta contra a crueldade da coisificação; pelo contrário, nem quer pecebê-la. Por isso ele se agarra convulsivamente ao conceito do próximo⁵⁸.

* * *

A análise do texto de Adorno conduz a um certo desconforto, pois ele parece um tanto duro em demasia no que se refere a Kierkegaard, ou ao que é o ponto fulcral da doutrina kierkegaardiana a respeito do amor ao próximo. Ou seja, tentar entender, que o próximo é aquele em relação ao qual o homem, ou mais precisamente o cristão, tem um compromisso inarredável que é simplesmente amá-lo, amá-lo como a si mesmo, ambos diante de Deus, e este compromisso deve se originar sim, do ponto de vista do cristianismo, de uma interioridade, de uma pura interioridade, que reconheça em todos os homens o seu próximo, indistintamente, dentro de uma perspectiva de igualdade operada a partir de uma concepção de eternidade. Se existir seleção, ou se o cristão pensar que alguém não deve ser amado por dado motivo, o próprio fundamento do cristianismo, tomado teoricamente, ou de maneira abstrata como diria Adorno, ruiria. Se este amor cristão tem aplicação prática, dentro de um mundo conturbado, de uma sociedade em que o outro não é de forma alguma o próximo, é outra questão, inclusive para os próprios cristãos.

A partir do viés kierkegardiano, o discurso edificante do amor ao próximo não pode levar ao desamor, pois um amor que parte do desinteresse não humilha o homem tomado na sua generalidade mas, pelo contrário, afirma o humano sobre a degradação das relações pessoais fundadas no interesse e na superação do 'próximo', que obviamente sustentam a sociedade competitiva atual.

Da mesma forma, o próximo não é aquele que eventualmente cruza o nosso caminho, ele é cada homem que cruza o nosso caminho, e isto necessariamente, não eventualmente. Não há mais o próximo? Afirmação exagerada a partir do momento que determinado cristão professe verdadeiramente sua doutrina. Certamente quem faz esta profissão de fé não se humilha diante de Deus, nem abraça uma felicidade sombria, pois ele estará abraçando a verdadeira felicidade, ou antes, *a felicidade*. Um amor assim entendido não se comporta como se estivesse

⁵⁷ Adorno ressalta 'que não se deixa introduzir o conceito de práxis da vida real como medida do amor ao próximo se na verdade estiver excluído desta práxis o mundo no qual poderia atuar; que nenhuma práxis seria possível sem aquele que a exerce assumisse ele mesmo alguma coisa daquilo que Kierkegaard atribui à Providência' (p. 6).

⁵⁸ ADORNO. *A Doutrina Kierkegardiana do Amor*, p. 7.

diante de homens mortos: ele restabelece o significado e a vida do próximo. Logo, este amor não carece da substancialidade do objeto, pois o próximo adquire realidade a partir do imperativo do ‘tu deves amar’, como amas a ti mesmo.

ABSTRACT: This article investigates Kierkegaard’s conception about the christian love - or the neighbour love - in his ‘Works of Love’, and criticizes the view that Adorno presents about that work in his ‘Kierkegaard. Konstruktion des Ästhetischen’ (Kierkegaard. Construction of the Aesthetic).

KEY WORDS: love; neighbour; duty; christianity.

Bibliografia

ADORNO, T.W. *Kierkegaard (A Construção do Estético)*. Caracas: Monte Avila Editores, 1969.

_____. A Doutrina Kierkegaardiana do Amor. In: *Kierkegaard. Konstruktion des Ästhetischen*. Mit einer Beilage, STW 74, Frankfurt am Main, 1974 (tradução de Álvaro L.M. Valls: Porto Alegre, 1992 [mimeo]).

Kierkegaard, s. *Les Oeuvres de l’Amour* (traduction de Paul-Henri Tisseau et Else-Marie Jacquet-Tisseau). Paris: Éditions de L’Orante, 1980.

PLATÃO. *O Banquete*. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1972.

VALLS, A. L. M.. O Amor ao Próximo, Especificamente Cristão. Sua Exposição nas ‘Obras do Amor’ e sua Crítica por Adorno. In: *Síntese Nova Fase*, vol. 20, n° 63, 1993, pp. 595-604.

_____. O Amor Socrático. A Análise Kierkegaardiana de sua Teoria e de sua Prática. In: *Síntese Nova Fase*, vol. 20, n° 63, 1993, pp. 605-616.

